

## Apresentação

# Confúcio e a ordem moral

Governa por meio de decretos, disciplina por meio de castigos, e o povo usará subterfúgios e não terá consciência. Guia-o pela virtude e pela moral, e ele terá consciência e alcançará o bem.

*Analectos*, II, 3

Desde o supremo governante até o homem mais humilde, a base fundamental é igual para todos: o aperfeiçoamento de si mesmo.

*O grande estudo*, VI

As forças menores fluem por toda parte, como correntes de rios, ao passo que as grandes forças da Criação movem-se em silêncio, mas constantemente.

*A conduta da vida*, XXIX

Confúcio (c. 551-479 a.C.) pertence ao seleto grupo de personagens históricos de primeira linha, fundadores de projetos civilizatórios, que nunca exerceram poder político nem deixaram textos que tenham sido transmitidos às gerações seguintes. Os historiadores divergem até mesmo sobre importantes aspectos factuais de sua vida.

Sabe-se que ele nasceu em uma época de grande turbulência, em que o império chinês estava fragmentado em numerosos estados que lutavam entre si. Crítico da ordem social vigente, estudou na capital e peregrinou durante doze anos, como mais um filósofo ambulante em busca de uma oportunidade para associar sua doutrina à ação política. Aos 68 anos, retornou fracassado ao estado natal, sem conseguir disseminar sua mensagem. Refletiu sobre isso: “Não me aflijo porque os homens não me conhecem. Aflijo-me por não conhecer os homens.”

Confúcio não propôs instituições econômicas, legislações ou um regime político específico. Não anunciou uma revelação nem experimentou qualquer outra forma de vivência religiosa. Não foi um místico. Pregou um conhecimento humano que gira em torno da beleza, da ordem e da autenticidade. A gigantesca influência que exerceu sobre a posteridade, e que perdura até hoje, tem origem em ensinamentos transmitidos por um grupo de discípulos em textos breves, descontínuos, ricos em possibilidades de interpretação.

Deu grande importância à recuperação dos saberes antigos, pois considerava petulante e fútil tentar criar o absolutamente novo, ignorando o processo histórico que nos moldou. Mas não foi um mero repetidor do passado: sabia que nada pode ser restaurado em sua forma anterior. Ao ser entendido e atualizado, o antigo se transforma dinamicamente, fazendo surgir uma filosofia que renova a tradição e, por isso, tem maior possibilidade de ser difundida.

Ao tentar recuperar os fundamentos da civilização chinesa, Confúcio trabalhou para revigorá-la. Seu tema central foi o homem em comunidade. Enquanto os animais são regulados pelo instinto, que lhes impõe comportamentos restritos e repetitivos, cada um de nós precisa *tornar-se* humano, escolhendo entre muitas possibilidades. Isso ocorre progressivamente, no interior de uma comunidade. Daí a necessidade de uma ordem, que, no entanto, não deve ser imposta por meio de violência, ameaças e castigos, que disseminam medo e hipocrisia. A ação eficaz exige mediações que inibam ou promovam aquilo que cada um traz dentro de si, em germe.

É de educação que se trata. De volta a Lu, seu estado natal, Confúcio fundou uma escola que funcionou em sua própria casa, tendo em vista preparar jovens para carreiras de Estado, transmitindo-lhes os ritos, a escrita, o cálculo, o trato com

cavalos, o manejo do arco e a música. O uso do arco mimetizava a vida: “Na prática do arco e flecha há algo semelhante ao princípio que existe na vida de um homem moral: quando o arqueiro não atinge o alvo, ele se vira e busca a causa do fracasso em si mesmo.” E a música era um componente essencial do processo educacional: “O espírito da comunidade se determina pela música que escuta, e o espírito do indivíduo encontra nela os motivos que ordenam sua vida.”

Dedicou bastante esforço ao problema fundamental de como ensinar e aprender. Na base de tudo está, a seu ver, uma vida ética, pois quem segue má conduta nunca terá acesso ao que é essencial. Critica um aluno: “Tem muita pressa.” Elogia outro: “Não comete duas vezes o mesmo erro.” Renega atalhos: “Não ensino quem não se empenha sinceramente em aprender.” E refere-se a um esforço sem fim: “Quem aprende, nem por isso penetra na verdade; quem penetra na verdade, nem por isso é capaz de perseverar nela; quem persevera, nem por isso está em condições de interpretá-la em cada circunstância particular.”

Valorizou os ritos e as convenções sociais, que não distinguia da moral, da política e do direito. O povo, dizia, não é guiado por ideias abstratas, mas por costumes, que formam uma espécie de “segunda natureza”. O homem precisa ser educado em um ambiente que estimule as virtudes coletivas. Quando um governo usa seguidamente as leis, algo vai mal, pois se o ambiente é bom, com um poder sem soberba, com respeito a todos no trato, o modelo virtuoso se multiplica naturalmente, tornando desnecessário o apelo à lei.

Observou, compilou e ordenou as regras da vida cotidiana, as cerimônias, as celebrações e as normas administrativas. Mas nunca foi dogmático; a forma só tem valor se estiver impregnada de autenticidade: “Uma posição eminente sem

nobreza de caráter, culto sem veneração, práticas funerárias sem sincera dor são situações que não suportam.”

Nunca propôs ideias fixas e preconcebidas: “O homem nobre não adota uma atitude fechada, a favor ou contra, diante de nada no mundo. Mantém-se aberto. Suspende o juízo ao deparar com o que não compreende. Permanece dúctil. Caracteriza-se pela firmeza do caráter, não pela obstinação.” Por isso também o ódio e a ira são lícitos: o bom sabe amar e odiar de modo justo.

\* \* \*

O livro que o leitor tem em mãos não existe, nesta forma, em nenhuma outra edição, no Brasil ou no exterior. Está dividido, basicamente, em três partes. A primeira é um apanhado geral do confucionismo, escrito por Richard Wilhelm, o maior sinólogo alemão, tradutor do *I Ching* [Livro das mutações] para línguas ocidentais. Seguem-se a biografia clássica de Confúcio, escrita por Sima Qian (c. 145-85 a.C.), astrônomo, matemático e historiador chinês, e os comentários de Wilhelm a esse texto, “o primeiro a ordenar cronologicamente os dados disponíveis” e que “constituirá sempre a base de todas as biografias de Confúcio”. Essas duas primeiras partes foram traduzidas por Vitoria Davies.

Por fim, em tradução de Verrah Chamma, apresentamos um dos quatro livros canônicos do confucionismo, *A conduta da vida* [*Chung Yung*], cuja autoria é atribuída a K’ung Chi, neto de Confúcio. Esse texto sempre foi valorizado pelos intelectuais chineses. Nas palavras de Ch’êng, mestre de Chu Hsi, o maior dos comentadores, “o *Chung Yung* descreve primeiro um princípio; em seguida, alarga esse princípio até abarcar tudo; finalmente, retorna e reúne tudo sob o princípio, com o qual preenche o Universo. Se o leitor habili-

doso perceber isso, saberá que o texto não pode ser esgotado. O prazer é inexcedível.” O missionário James Legge (1815-1897), pioneiro nas traduções dos clássicos chineses para o inglês, disse que o *Chung Yung* “dá a melhor descrição que temos da filosofia e da moral de Confúcio, e merece um estudo cuidadoso”.

A herança confuciana marcou profundamente a civilização chinesa. Nela, a obrigação moral é a base da ordem social e deve orientar as ações de cada um. A escola, a família, o governo e as demais instituições têm como objetivo educar os homens para que sintam por si mesmos essa obrigação: a força moral de cada um é a base da organização social. A tradução de Ku Hung Ming, da qual partimos, destaca essa ideia.

Num momento em que a China adquire crescente presença internacional, torna-se cada vez mais importante conhecermos os fundamentos intelectuais de sua civilização.

*César Benjamin*